

Ataque Dossier

Uma outra vaga de terror na Europa

Hooligans russos estão lançar o pânico em França no Euro 2016. Fazem parte de movimentos organizados e têm preparação física. Autoridades não se acautelaram para o confronto entre adeptos

Norberto A. Lopes
norberto.a.lopes@jn.pt

► Um novo vento está a tomar conta do futebol. No Euro 2016, os jogos têm sido figuras secundárias perante o fluxo noticioso dos confrontos bárbaros entre os adeptos mais radicais. A prova transformou-se numa mistura explosiva de violência, agressões e detenções com o epicentro a verificar-se em Marselha, uma das cidades francesas mais hostis, ao verificaram-se tumultos entre russos e ingleses. Foi o rastilho de pólvora para a fúria se alastrar a Lille, onde os mesmos intérpretes voltaram a protagonizar cenas de pancadaria naquilo que pode ser entendido como uma nova era do hooliganismo mundial.

O fenómeno hooligan nasceu em Inglaterra na década de 1960 e atingiu o clímax 20 anos depois, com a política de austeridade de Margaret Thatcher a fomentar o desemprego, o descontentamento e a violência nas classes operárias. Agora, assiste-se a um novo capítulo mais alarmante. Não é o álcool nem a injustiça social a alimentar a tensão dos adeptos, há uma onda de hooliganismo a crescer nos países do Leste da Europa e os aconte-

cimentos em França mostram como os adeptos russos são mais perigosos do que todos os outros. Têm preparação física, atuam de forma organizada e protagonizam lutas de combate. Algumas vozes até garantem que terão sido escolhidos os mais perigosos para lançar o pânico no Euro 2016. "Na Rússia há muitos grupos extremistas", explica, ao JN, o jornalista russo Vladimir Kostantinov do jornal "Sovetski". A prová-lo estão as queixas de racismo de jogadores estrangeiros a atuar no campeonato, como já aconteceu, por exemplo, com o brasileiro Hulk.

Em França, a Polícia também foi apanhada de surpresa pela onda de violência nas cidades de Marselha e Lille. Os sangrentos atentados em Paris, em novembro do ano passado, fizeram direcionar o foco das autoridades para possíveis ataques terroristas nos centros citadinos mais sensíveis e levaram-nas a diminuir o número de efetivos nos estádios ao longo da época. Perante a falta de polícias mobilizados e como medida preventiva, foi barreada a entrada de adeptos das equipas adversárias nos jogos de risco mais elevado do campeonato francês. "Por isso, a Polícia não se trei-

nou nestes últimos meses para o que podia vir a acontecer no Euro 2016. Pensou no terrorismo e esqueceu-se do hooliganismo", observa Ivan Bonet, jornalista francês do jornal "La Provence".

Medidas chegam com atraso

Em Marselha, onde se desencadearam os primeiros incidentes, foram cometidos outros pecados. Só depois dos confrontos entre adeptos russos e ingleses as autoridades decidiram proibir a venda de álcool na véspera e no dia dos jogos do Euro 2016. Mas o mal já estava feito. O excesso de cerveja pode explicar os atos mais violentos dos ingleses, assim como um certo complexo de superioridade imperialista ainda enraizado quando se deslocam ao estrangeiro. "O hooliganismo continua a existir em Inglaterra. Há lutas entre adeptos, mas longe dos estádios", revela o jornalista inglês Tony Banks do jornal "Daily Express". Os descatos provocados pelos ingleses nada se compararam com a nova franja de hooliganismo vinda da Rússia, onde cresce um "exército" capaz de espalhar o pânico pela Europa. Resta saber como as autoridades vão travá-lo. ●

Histórico de violência em europeus

Euro 1996

Caos em Londres após eliminação inglesa

► Nas meias-finais do Euro 1996 a Inglaterra cruzou-se com a Alemanha, em Wembley, e o resultado foi bem amargo para os simpatizantes de futebol. Os ingleses perderam nos penáltis, após 1-1 no tempo regulamentar, e registaram-se graves confrontos em Londres para descarregar as mágoas de uma derrota inesperada. Vários jovens incendiaram carros, destruíram lojas e envolveram-se em ações violentas com a Polícia. Vinte e oito pessoas ficaram feridas, entre as quais um estudante russo, apunhalado por suspeita de que seria um adepto alemão.



Euro 2000

Violência e tensão em Charleroi

► O jogo entre a Inglaterra e a Alemanha, no Euro 2000, ficou marcado por momentos de violência e tensão verificados na véspera. Na cidade belga de Charleroi, os adeptos envolveram-se em cenas de pancadaria, sobretudo na Praça Charles II, onde se concentraram cerca de 2500 ingleses e 1500 alemães, obrigando a Polícia a recorrer a canhões de água para separar a multidão. Foram efetuadas cerca de 450 detenções e muitos jovens acabaram por ser deportados em aviões militares. Alguns dos adeptos nem sequer tinham bilhete para o jogo.



Euro 2012

Russos e polacos agitam Varsóvia

► O encontro entre a Rússia e a Polónia, no Euro 2012, teve repercussões fora do relvado com fortes confrontos entre os adeptos das duas seleções na cidade polaca de Varsóvia. Milhares de russos estavam a ser escoltados pela Polícia, em direção ao Estádio Nacional, quando começaram a ser provocados por adeptos polacos por causa da animosidade histórica entre os dois países. Foram arremessadas garrafas, pedras, tochas e seguiram-se cenas de pancadaria que provocaram 50 feridos e 120 detenções. A Polícia teve de recorrer a canhões de água e a gás lacrimogéneo.



flash :



Sébastien Louis

Estudioso francês e autor de dois livros sobre o hooliganismo radical

“Russos quiseram mostrar que são os mais perigosos”

Há alguma explicação para os confrontos entre os adeptos ingleses e russos?

Este episódio serviu para os russos se posicionarem diante do Mundo, mostrarem a sua força, que são os mais perigosos e os melhores. São hooligans que se distinguem dos ingleses, não estão alcoolizados, têm preparação física, participam em combates e fazem parte de movimentos organizados. Acredito que os adeptos ingleses, em Marselha, iam apenas ver o jogo e estavam com uma atitude positiva, enquanto o comportamento dos russos foi pensado.

Como cresceu este fenómeno na Rússia?

Este fenómeno não é novo. Já existia na década de 1990, após o fim do regime comunista, e explodiu neste milénio quando as pessoas começaram a ter mais dinheiro para irem ao futebol. A Internet também ajudou a fazer crescer o fenómeno. Esta é uma nova forma de hooliganismo, é organizado, os adeptos treinam, lutam longe dos estádios e têm preparação física.

Este hooliganismo russo é influenciado por grupos de extrema-direita?

Essa é uma questão muito subjetiva. Acredito que alguns sejam influenciados pela extrema-direita, mas aquilo que se verifica na Rússia e em muitos países do Leste da Europa é uma onda nacionalista. São povos muito nacionalistas e isso pode ter alguma influência.

A Polícia francesa estava preparada para estes episódios de violência?

Não, não estava. A Polícia francesa teve um episódio semelhante em Marselha, no Mundial de 1998, quando houve confrontos com adeptos ingleses, mas esse caso não serviu de lição. Por outro lado, acredito que a cooperação com as entidades responsáveis dos outros países não tenha sido a melhor e a Polícia russa, se calhar, não alertou para o perigo dos adeptos, nem sequer forneceu nomes sobre os elementos mais perigosos.

O que se pode fazer para erradicar o hooliganismo?

Isso é impossível, é uma utopia. A violência vai existir sempre no futebol. Acredito que a repressão não funciona, o segredo talvez seja prevenir a violência e olhar para o modelo alemão que tem sempre os estádios cheios. Eles respeitam o futebol.

N.A.L.

